



Alberto Araújo

(1909-1955)

**DESTACADO INTELLECTUAL
DIRIGENTE COMUNISTA
MÁRTIR DA LUTA ANTIFASCISTA**

Professor e militante comunista

Alberto Emílio de Araújo nasceu em Almada, no dia 14 de Dezembro de 1909, numa família da pequena burguesia local.

Esta sua origem social permitiu-lhe crescer sem sentir as dificuldades da maioria das outras crianças da sua terra. Ao contrário de muitos dos seus amigos de infância, conseguiu completar os estudos, licenciando-se em Filologia Clássica e Estudos Camonianos na Faculdade de Letras de Lisboa.

Desde cedo começou a sentir os problemas de saúde que o acompanhariam durante toda a vida, tendo estado mesmo internado por dois anos no sanatório da Guarda.



Alberto Araújo – terceiro a contar da direita

Foi em 1933, ainda estudante universitário, que Alberto Araújo abraçou definitivamente os ideais comunistas, aderindo à Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas e, no ano seguinte, ao Partido. Nesse mesmo ano de 1934, foi eleito representante dos estudantes no Senado Universitário de Lisboa.

Terminado o curso, tornou-se professor, ensinando em Castelo Branco e em Lisboa, no Liceu Pedro Nunes.

Corria ainda o ano de 1934 e já Alberto Araújo se tornara colaborador próximo de Bento Gonçalves, que reparara nas suas qualidades intelectuais e na sua sólida formação marxista-leninista. É neste período que juntamente e em estreita ligação com Bento Gonçalves, Secretário-geral do PCP, colabora na elaboração do «Avante!» e de outros materiais de agitação do Partido.



Almada – Largo Luiz de Camões. Foto da época

«Entre os estudantes que frequentavam a minha aula distinguia-se um rapaz moreno, alto, trajado de escuro, de aspecto adocentado: era Alberto Emílio de Araújo, da vila de Almada. Dotado de viva inteligência, iria longe na sua carreira, se não fosse a doença que o minava e a maldade dos homens do fascismo, que o levaram para o Tarrafal, donde voltaria, passados anos, para morrer.»

Rodrigues Lapa



Manifestação de protesto em Almada devido à filta de péo. 1931 (Ano da fundação do PCP)

«Tivemos um extraordinário professor na cadeira de português, ainda jovem, mas de aparência frágil, que era adorado pelos estudantes pela competência e dedicação que punha no ensino e na relação conosco. Um dia esse professor deixou repentinamente de aparecer e com muita pena não soubemos mais dele. Só passados 30 ou 40 anos vim a saber o terrível drama que se passara: o professor fora preso pela odiosa PIDE e desterrado para o campo de concentração do Tarrafal, não sobrevivendo muito tempo. Este homem era (...) Alberto Araújo, membro destacado do Partido Comunista Português.»

Nuno Teotónio Pereira

O fascismo consolida-se

Os anos desde a entrada de Alberto Araújo no PCP até aos meses em que integrou o Secretariado foram particularmente difíceis para os comunistas e para todos quantos resistiam ao fascismo, que se consolidava e cujo avanço, em Portugal como um pouco por toda a Europa, parecia imparável. Tomando como modelo o fascismo italiano e, mais tarde, o nazismo alemão, a ditadura fascista portuguesa cedo deixou claro o seu carácter antipopular e anti-operário, abolindo o horário de oito horas, suprimindo o direito à greve, reprimindo lutas e protestos, acabando com as liberdades de imprensa, reunião e organização.

Depois de, em 1930, ter sido criado o partido único fascista, a União Nacional, Salazar formulou, em 1932, a sua concepção de «Estado forte»: reforço dos poderes do governo, abolição dos partidos e interdição dos sindicatos, manutenção e reforço da censura, modernização da polícia. Nesse mesmo ano, seria criada a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE). No ano seguinte, a Constituição fascista entrou em vigor e, em 1934, foi a vez de ser aplicado o Estatuto do Trabalho Nacional, copiado da Carta del Lavoro de Mussolini, que instituiu a fascização dos sindicatos. Dois anos depois, seriam criadas a Legião e a Mocidade portuguesas e abria o Campo de Concentração do Tarrafal.



Operários presos em Alfindene, Lisboa, 1937

A prisão e o Campo da Morte Lenta

Destacado dirigente do PCP, Alberto Araújo viajou para Paris em 1937, com o objectivo de contactar o movimento comunista internacional, atravessando a Espanha que vivia já o pesadelo da guerra civil.



É possivelmente na capital francesa que seria identificado e seguido por um informador da PVDE. À chegada a Portugal, depois de nova viagem a Madrid, foi preso em Lisboa, no dia 22 de Novembro. Espancado e mantido incomunicável durante 11 meses, foi enviado, em Outubro de 1938, para a prisão de Caxias. Em Abril do ano seguinte, seria finalmente julgado no Tribunal Militar Especial e condenado a 24 meses de prisão. Quando foi enviado para o Tarrafal, o famigerado «Campo da Morte Lenta», em Junho de 1939, faltava-lhe cumprir pouco mais de cem dias da pena a que tinha sido condenado.

No Tarrafal, Alberto Araújo sofreu as maiores privações e violências. A sua saúde, que era frágil, agravou-se fruto dos trabalhos forçados e dos castigos de que foi alvo. Era chamado a fazer tudo o que a sua saúde não permitia que fizesse e por várias vezes foi enviado de castigo para a «Frigideira». Apesar de todas as violências, ainda encontrou forças para ajudar a elevar o nível cultural e político dos seus camaradas presos, dando aulas de português e francês.

«Daqui ninguém sai com vida... Quem vem para o Tarrafal vem para morrer.» Era desta forma que o primeiro director do Campo de Concentração do Tarrafal, Manuel dos Reis, recebia os presos que para ali eram enviados. E por ali passaram, entre 1936 e 1954, 340 antifascistas portugueses, que ali cumpriram dois mil anos, onze meses e cinco dias de violento cativo. Trinta e dois perderam a vida no famigerado «Campo da Morte Lenta». Outros, como Alberto Araújo, perderam o que restava da saúde.

Sinais particulares

N.º 8923

Altura 1,73

Cor natural

Nacionalidade Portuguesa

Nome e apelido Alberto Emílio de Araújo

Estado S. Profissão Professor

Naturalidade Almada Data de nascimento 11-12-909

Vilaça Júlio José de Araújo e de Almeida da Assunção da Silva

Aluja Residência Al. N.º 10, Alameda do Lago, 11 - Almada

Outras indicações Ingresso no PCP em 1937, enviado ao T.M.E. em 21-10-38

Número do processo de valores ou documentos apreendidos duplo 41 #

BIOGRAFIA PRISIONAL

Presa pela 1.ª vez em 23-11-1934 para infracções cometidas em 22-11-1933 (23-11-1933) Antigo de H. M. de Caxias em 22-11-1937

Presença de penas e multas em 11-12-1937

«O jovem professor (...) Alberto de Araújo, foi, a par de muitos outros, vítima do ódio do capitão João da Silva, de Esmeraldo Pais Prata, o médico, de Seixas e seus subordinados (...) No dia seguinte ao da sua chegada, Alberto de Araújo, que nem tinha forças para levantar a enxada, foi obrigado a cavar de manhã à noite. Cavava e vomitava, transtornado pelo esforço monstruoso que fazia sob o calor de um sol intenso, coberto de poeira, enquanto o guarda o ameaçava se não trabalhasse mais depressa. Dois dias durou esta tragédia. Alberto de Araújo teve a sorte de torcer um braço e por isso não pôde continuar o trabalho. Seixas ficou furioso. João Silva também.»

Cândido de Oliveira



De volta a Almada

Na sequência da derrota do nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial, o governo fascista português viu-se forçado a conceder uma amnistia. Muitos presos foram libertados, entre os quais Alberto de Araújo, que deixaria o Tarrafal em Dezembro de 1945, vários anos depois de ter terminado a pena a que o haviam condenado. Com a saúde totalmente arrasada, não pôde retomar a intensa actividade política que antes desempenhara.

De volta à sua Almada natal, ainda encontrou forças para abrir uma escola de Português na centenária colectividade Incrível Almadense e para participar em inúmeras actividades culturais, recreativas e políticas.



A Grande Roda, Almada 1947. Inicativa do MUD Juvenil



Manifesto em Lisboa saudando o fim da guerra. 1945

«Anos volvidos, tendo ele conseguido sobreviver, embora fisicamente destruído, aos tormentos de que foi vítima, como tantos outros antifascistas, no Campo de Concentração do Tarrafal, estou a vê-lo na Incrível Almadense, participando numa sessão do MUD com o maior entusiasmo, mas apagando-se humildemente, anonimamente, entre a multidão de participantes, como se fosse um cidadão qualquer e não o homem de grande talento e de extrema bondade que tudo sacrificara – a saúde, o bem estar, o futuro de distinto professor universitário – em defesa dos verdadeiros interesses do povo.»

José Carlos Pinto Gonçalves



Alberto Araújo com o pai – João Araújo e Maria de Lurdes no jardim de Almada, hoje pertence Alberto Araújo. Sete meses antes do seu falecimento. Informação de Fátima Correia

A morte antes de tempo

No dia 19 de Março de 1955, com apenas 45 anos, Alberto Araújo morreu no Hospital de São José, em Lisboa. Três dias depois, seu corpo atravessou o Tejo de barco, rumo a Cacilhas, com a bandeira nacional a meia-haste. A esperá-lo estavam dezenas de amigos e admiradores.

Aos poucos, o cortejo adensou-se e o seu funeral transformou-se numa imensa manifestação antifascista e de admiração por um homem firme, coerente e corajoso, que nem a frágil saúde impediu de lutar contra o fascismo, pela liberdade e pela democracia.

Não constando habitualmente na longa lista de mártires assassinados pelo fascismo, a vida deste professor almadense foi encurtada pela violência e maus tratos sofridos no Tarrafal.



«Quando o corpo foi depositado na carreta, o número de acompanhantes subira para centenas.

Dos estaleiros vizinhos, das ruas próximas, das lojas, homens, mulheres e crianças, surgiram como se o medo os abandonasse. Chovia mais, os astros ainda mais carregados e inclementes nesse início de Primavera de 1955. Alguns homens vinham ainda com os fatos de ganga, sujos e remendados.

Era a comovida homenagem do povo trabalhador de Almada a um irmão que dera a própria vida por mais justiça, mais pão, mais amor e liberdade.

O carro fúnebre entrou na vila seguido agora por uma multidão que nunca deixara de engrossar.

Parou junto do seu modesto rés-do-chão.

O comércio encerrou as portas. Por detrás de algumas vidraças, puxando as cortinas, havia gente antiga da terra que, amedrontada, espreitava e chorava.

As colectividades (que ele nunca frequentara antes da sua prisão) finham o estandarte descido como prova de sentimento pelo grande amigo perdido.

No Campo de São Paulo, o corpo fora levado em ombros por vários turnos de amigos e admiradores.»

Romeu Correia





Uma vida que permanece

Alberto Araújo permanece hoje, um século após o seu nascimento e mais de cinquenta anos depois da sua morte, como uma figura ímpar do concelho de Almada e da heróica resistência antifascista em Portugal. O seu nome está hoje na toponímia da cidade, então vila, que o viu nascer e a casa da sua família está assinalada com uma placa.

No Jardim de Almada, hoje com o seu nome, foi erguido um busto, após subscrição pública, «homenagem do povo do concelho». Também o Centro de Trabalho do Partido Comunista Português, a que tanto das suas energias e capacidades deu, na Rua Capitão Leitão, em Almada, tem o seu nome.



Num tempo em que os direitos democráticos alcançados pela Revolução de Abril retrocedem; em que se procura branquear a ditadura fascista e a sua natureza de classe; e em que se pretende apagar o papel ímpar dos comunistas na resistência, na mobilização de massas e no processo revolucionário; em que se pretende criminalizar os ideais e o projecto comunistas; lembrar o exemplo de dedicação e entrega de Alberto Araújo e de muitos outros destacados dirigentes e militantes comunistas é fundamental para continuar a luta contra as injustiças e pela construção de uma sociedade mais justa, mais humana e mais fraterna – o socialismo e o comunismo.